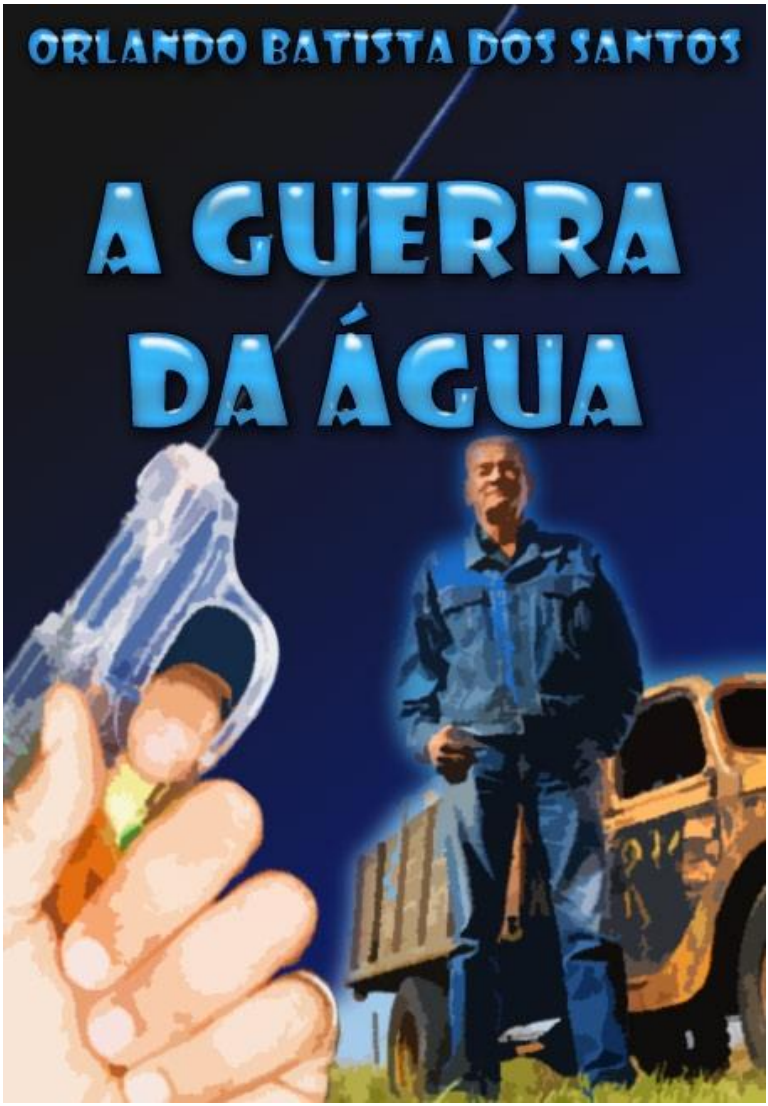

Primeira versão: 2004
Atualização: 2014

A GUERRA DA ÁGUA

Orlando Batista dos Santos

TEATRO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL

UMA CONTRIBUIÇÃO AO DEBATE SOBRE ECOLOGIA E MEIO AMBIENTE.

A GUERRA DA ÁGUA

A fim de contribuir com o debate sobre Ecologia e Meio Ambiente, o autor coloca à disposição dos leitores este trabalho cujo tema central é a água. Considerado por muitos analistas como um dos piores problemas que a humanidade terá de enfrentar – e já o está enfrentando – a água, que já se tornou pano de fundo de várias guerras pelo mundo, merece uma reflexão urgente e séria quanto à sua preservação livre de poluentes e também sobre sua disponibilização para consumo humano.

Não dá mais para ignorar que estamos diante de um grave problema em relação à água, e ninguém está dispensado desse debate. Daí a importância de “A Guerra da Água”, trabalho em forma de teatro, à disposição daquelas pessoas comprometidas com construção de um mundo melhor e verdadeiramente sustentável.

A peça pode ser apresentada para qualquer tipo de público. No entanto, a melhor aplicação parece ser mesmo nas escolas, uma vez que o texto é curto e os argumentos bastante simplificados, texto que poderá ser utilizado em programas de educação ambiental, podendo ser encenado pelos próprios alunos, quer nas escolas ou nas próprias comunidades. Além de proporcionar a conscientização das pessoas em relação ao meio ambiente, a encenação do texto se constituirá, para os alunos, como importante exercício experimental de teatro.

É importante que os grupos fiquem à vontade para fazerem as adaptações, podendo suprimir ou incluir personagens, adequando o texto e os argumentos à realidade da cultura local e mesmo regionais.

Alguns aspectos a serem considerados:
A peça é direcionada para um público mais maduro, capaz refletir sobre os efeitos de seus próprios atos, podendo incluir estudantes a partir da oitava série.
Diálogos curtos, para facilitar a fixação do texto, privilegiando a expressão corporal.
Roteiro simplificado, facilitando adaptações de acordo com o local, a idade e nível sociocultural de quem vai assistir a peça.
Uma rica “trilha sonora”, pode ser utilizada para ocupar boa parte do tempo da peça, recurso esse que os jovens com certeza o farão muito bem, para melhor envolver o público.

Cenário simples, não exigindo investimentos, e garantindo apresentações até ao ar livre, composto por uma mesa e duas cadeiras inicialmente; uma mesa e duas cadeiras a ser acrescentadas depois, ou conforme as adaptações.
Ainda sobre o cenário: não há interação entre os personagens dos dois “escritórios”, exceto o que se comenta um do outro. Quando não se está contracenando, fica-se em segundo plano, representando através de gestos.

Figurino: simples, como as pessoas se vestem no cotidiano, destacando-se apenas o vestuário dos caipiras, que devem estar vestidos levemente à caráter; Baron de terno e gravata, e a vendedora, num estilo um pouco mais luxuoso, para demonstrar que a água, por ser um artigo de luxo, está também em mãos granfinas.

Tempo aproximado da apresentação: 40 minutos.

PERSONAGENS

Crianças brincando de “amarelinha”: duas ou mais. Representam a alegria, a simplicidade, a pureza e o ideal de “estar no mundo”.

Baron: representante do Capital Alienígena, na direção da empresa WATER-WATER. Um ser humano arrogante, acima de tudo e de todos.

Néscio: o reflexo mental de Baron; testa-de-ferro perfeito.

Zé e Ritinha: os excluídos, portadores de uma ingenuidade à toda prova.

Vendedora de água: para quem o dinheiro é o que mais importa.

Joana Rei, Ar-Lindo e Leomar: ativistas radicais e líderes dos sem-água.

Pode-se incluir quantas pessoas quiser para realizar o protesto.

MATERIAIS

Canecas, cartazes e apitos para a passeata dos sem-água.

Uma jarra ou outro objeto transparente cheio com água.

Uma taça ou copo para Baron tomar da água (estes objetos devem ser ao menos vistosos).

Uma caixa com garrafinhas com água para a vendedora. A caixa deve ser bem enfeitada, e as garrafinhas devem estar cheias com água potável, pois algumas serão “vendidas” aos sem-água, que farão uso da mesma.

Um comprimido de vitamina C, ou pacotinho de sal de frutas para ser usado como “veneno” a ser colocado na água, já que os caipiras tomarão da água “envenenada”.

Acrescentar mais materiais de acordo com a adaptação feita.

É recomendável manter nas imediações do local da apresentação painéis com recortes de jornais e artigos que falem da problemática da água.

A GUERRA DA ÁGUA
Orlando Batista dos Santos

CRIANÇAS BRINCANDO DE AMARELINHA
Crianças brincam alegremente o jogo da amarelinha. A brincadeira é interrompida com a chegada de Baron e Néscio.

ENTRADA DE BARON
Baron entra no palco devagar e em silêncio. Olhar frio, percorre o palco de forma sisuda, fitando demoradamente o público demonstrando desprezo (mas não há interação com o público. A cena visa criar um clima de antipatia com o personagem). A seu lado está Néscio portando uma jarra com água e copo. Impaciente, ansioso, Néscio mexe-se, coça-se, anda em torno de Baron irrequieto.
Deve-se colocar uma música capaz de criar um ambiente de expectativa.
Tempo de duração da entrada até que sentem à mesa; cerca de três minutos.

NÉSCIO
(já à mesa, maravilhado, vibrante, diante da presença de Baron):
— E então, Doutor Baron; momento decisivo sobre a questão da água no Brasil hein?

BARON
(olhar distante, fala pausada):
— Momento cruciante, meu caro Néscio. As discussões no Congresso Nacional são intermináveis. Enquanto isso, os projetos de expansão da Water-Water ficam limitados.

NÉSCIO
— Sabe, Doutor Baron; só aqui no Brasil que as coisas estão nesse pé. No resto do mundo a gente tomou conta da água com tanta facilidade, não foi mesmo?

BARON
— Exatamente, Néscio, mas em alguns países foi preciso usar a força bruta, quando subornar autoridades já estava se tornando pouco eficaz. O Brasil precisa de um governo de pulso forte, para fazer valer as nossas propostas.

NÉSCIO
— Veja como são as coisas, Doutor: acho que um bom presidente tem que começar por um bom nome, não é mesmo? Mas me acharam de eleger esse tal “Severino Santos”... O Senhor acredita que até “Silva” já tivemos na presidência desse país? Se o Brasil não aprender a votar, Doutor, daqui a pouco será eleito um “Souza” para presidente da República! Nossas melhores famílias estão ficando alienadas, Doutor!

BARON
(só agora fixando Néscio nos olhos):
— A propósito, Néscio; a qual família você pertence?

NÉSCIO
(demonstrando orgulho):
— Pleno, Doutor. Família Pleno.

BARON
(meneando a cabeça):
— Néscio Pleno... bonito nome!

NÉSCIO
— Voltando à guerra, Doutor: olha que para conquistar o rio Nilo não foi brincadeira hein? Foram anos de cerco, sabotagens, balas... êta povinho da cabeça-dura!

BARON
— O Nilo é estratégico, Néscio. Dali vendemos água para grande parte da África e para quase todo o Oriente Médio.

NÉSCIO
— É; aqui no Brasil o São Francisco foi moleza. Só espero que a tomada do Rio Amazonas não nos dê tanto trabalho!

BARON
— Já pensou, Néscio; o Nordeste em breve se transformará em um imenso deserto, e o Velho Chico correndo ali mansinho, sob nossa administração... não é uma maravilha?!

CANECAÇO DOS SEM ÁGUA
Joana Rei, Ar Lindo e Leomar, juntamente com outras pessoas começam a passeata. Antes da entrada ao palco já se ouvem o canecaço: batendo canecas e carregando vasilhas como latas e baldes, gritam por água e dizem outras palavras de ordem, concentrando-se no centro do palco.
Uma música de fundo, que inspire pena, deve permanecer no ar. O volume da música deve ser alto, de modo a confundir-se com o protesto.

DISCURSO DE JOANA REI

O discurso poderá ser lido. A cada frase “companheiros e companheiras” as demais pessoas gritam “muito bem!” e “apoiado!” e expressões similares.

JOANA REI

— Companheiros e companheiras: silêncio; silêncio que a companheira Leomar vai falar.

LEOMAR

— Companheiros e companheiras: quero apresentar a vocês o nosso companheiro Ar Lindo, que vai fazer um comunicado muito importante.

AR LINDO

— Companheiros e companheiras: quero comunicar a vocês que Joana Rei vai ler um discurso, falando da gravidade da situação pela qual estamos passando.

JOANA REI

— Companheiros e companheiras; o Capital Alienígena tomou conta da nossa água.

Chegamos ao absurdo de ter que pagar 5 dólares por um simples copo de água!

Precisamos descruzar os braços, companheiros.

Reunimos aquelas 50 milhões de assinaturas em apoio ao Projeto–de-Lei de Iniciativa Popular - iniciativa nossa, é bom que fique bem claro - que visa suspender o monopólio da água doce pelo Capital Alienígena.

Mas não podemos ter ilusão de que será fácil vencer essa batalha, companheiros.